



Carta Aware

NOVEMBRO 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Há a sensação de retornar a um cenário em que várias pressões foram acumuladas sem aviso: tarifas, ajustes setoriais, política monetária indecisa e um mercado de trabalho que começou a exibir fissuras. A narrativa de resiliência, reforçada pela revisão para cima das projeções de crescimento da OCDE, ganhou força, mas trouxe consigo o alerta de que parte desse avanço é mais estatístico do que estrutural. A economia segue firme, mas cansada. Ao olhar para trás, o percurso mostra uma combinação de fatores: políticas comerciais que, apesar da retórica, não implodiram a atividade e uma demanda por tecnologia e serviços que manteve o PIB de pé mesmo com a manufatura mostrando sinais de fadiga. Mas novembro expôs rachaduras que não cabem debaixo do tapete.

O mês trouxe um capítulo embaraçoso: o governo americano cancelou a divulgação do payroll de outubro por falta de dados. Em qualquer país, isso seria grave, mas nos EUA, é um contraponto direto à imagem de confiabilidade estatística que sustenta decisões de trilhões de dólares. A confiança no termômetro do mercado de trabalho ficou comprometida, agravada pelos cortes de vagas reportados por empresas e pela desaceleração nas contratações temporárias. No lado da atividade, o PMI industrial caiu em novembro e reforçou que a manufatura anda com passos curtos. A produção segue estável, mas sem impulso. A aparente desconexão entre um PIB resiliente e indicadores microeconômicos mais fracos sugere que parte da força recente está apoiada em bases que podem se desgastar rapidamente. O Fed, por sua vez, virou protagonista involuntário dessa novela de fim de ano. Membros do comitê se dividiram publicamente sobre a possibilidade de corte de juros em dezembro, expondo um impasse que transformou cada novo dado em gatilho para volatilidade.

A geopolítica adicionou seus próprios vetores de risco: debates sobre tarifas, expectativas sobre a Suprema Corte, tensões externas envolvendo China e México, e movimentações políticas que podem redefinir a liderança do próprio Fed em 2026. Cada elemento reforça que a margem de erro da economia americana continua estreita.

Fechando o mês com um aceno natalino: as luzes se acendem em Wall Street, mas o cenário macroeconômico de fim de ano ainda corre para arrumar a bagunça antes do apagar das luzes. Se o Fed decidir avançar para cortes, que o faça com critério sem sucumbir aos caprichos do executivo.

Europa

Começamos novembro na Europa com aquela pergunta inevitável de fim de ciclo: como chegamos até aqui? A OCDE elevou as projeções de crescimento da zona do euro e do Reino Unido, reconhecendo uma tração que poucos antecipavam meses atrás. Mas o ganho de ritmo veio acompanhado de notas de prudência: a aceleração recente tem mais nuances do que narrativas otimistas admitem, e parte do avanço ainda parece sustentado por fatores temporários, não estruturais.

No coração do continente, a inflação voltou a incomodar. A zona do euro registrou aceleração em novembro, reforçando a leitura de que o caminho até a meta segue acidentado. O BCE, pressionado por um mercado que clama por cortes, mantém o discurso de cautela e dirigentes ressaltam que os juros já se aproximam do nível neutro. Enquanto isso, a atividade real insiste em contar outra história. O desemprego no bloco subiu para 6,4% em outubro, um lembrete de que a tração recente ainda não se converteu em firmeza no mercado de trabalho. O PMI industrial permanece fraco, com quedas relevantes na Alemanha e sinais difusos na França. A exceção positiva veio justamente dos franceses, cujo PIB cresceu 0,5% no terceiro trimestre, um lampejo de força que contrasta com o restante do continente.

A Alemanha, tradicional âncora industrial, vive seu próprio capítulo. O FMI endossou o aumento de gastos públicos como instrumento para preparar o terreno da recuperação, mas os indicadores de novembro continuam mostrando um quadro irregular: inflação estável, porém resistente em alimentos e serviços, desaceleração no setor de serviços, PMI industrial em mínima de nove meses e desemprego que subiu menos do que o esperado.

No Reino Unido, a sequência também veio mista. O crescimento do terceiro trimestre decepcionou, mas autoridades seguem confiantes em projeções melhores adiante. A inflação recente reacendeu a possibilidade de corte de juros pelo BoE em dezembro, ao mesmo tempo em que o governo discute aumentos de impostos para reforçar as contas públicas, um movimento que contraria o humor pró-estímulo e adiciona ruído ao debate econômico. O PMI industrial, por outro lado, entrou em território de expansão, oferecendo um respiro num cenário de tensões fiscais e mercado de trabalho mais fraco, com desemprego chegando a 5%.

Ásia

China

A Como anda a Mãe China? A resposta é multifacetada: por um lado, a OCDE revisou para cima a projeção de PIB para 2025, reconhecendo uma resiliência macroeconômica que surpreendeu analistas cautelosos; por outro, os indicadores de atividade mais recentes mostram sinais de fadiga, sobretudo no setor de serviços, que registrou em novembro sua expansão mais fraca em cinco meses. Essa combinação explica por que o otimismo técnico convive com preocupação estrutural.

A desaceleração no PMI de serviços complica a leitura de curto prazo. A queda nas novas encomendas e a contração do emprego no setor apontam que a recuperação do consumo ainda é frágil e depende de políticas que não foram totalmente materializadas em estímulos de larga escala. Ao mesmo tempo, há relatos de aumento de custos e pressão sobre margens, o que limita a capacidade das empresas de capitalizar qualquer melhora de demanda.

No plano de política macro, Pequim sinaliza ambição: há discussões públicas sobre metas de crescimento mais elevadas para 2026, na casa de 5%, como forma de combater episódios de deflação e reanimar a confiança. Essa meta, se perseguida, exigirá tanto estímulos direcionados quanto reformas que aumentem a eficácia do gasto público e estimulem retomada do investimento privado.

As projeções refletem esse cenário misto: algumas casas elevaram previsões para 2026, prevendo crescimento na faixa de 4% a 4,6%, o que sugere que a comunidade financeira espera recuperação gradual, mas longe de ser exuberante. A trajetória dependerá da capacidade do governo de combinar medidas microeconômicas (apoio ao consumo e ao emprego jovem) com estabilidade nas condições externas.

No âmbito externo e geopolítico, as tensões regionais voltaram a ganhar relevância. A dinâmica entre China, Japão e Taiwan tem mostrado sinais de escalada retórica e movimentações militares que obrigam governos vizinhos a recalibrar orçamentos de defesa. Esse ambiente adiciona risco à cooperação regional e impõe uma camada de incerteza para cadeias de suprimento e confiança do investidor externo.

O Politburo deseja que a passagem para 2026 venha com menos ruído geopolítico e mais sinais concretos de que a economia chinesa abandonou o capítulo da deflação e entrou numa fase de crescimento mais sólido e menos dependente de medidas emergenciais.

Ásia

Japão

O mês nipônico mistura choques externos, fragilidade interna e a transição complexa de uma política monetária que ensaia sua primeira normalização em anos. Houve a primeira contração do PIB em seis trimestres, resultado de uma combinação entre queda de exportações, afetadas por tarifas dos EUA, e uma demanda doméstica que perdeu força. O impacto anualizado desse movimento evidenciou a vulnerabilidade do país às alterações súbitas no comércio internacional.

O pano de fundo setorial reforça essa leitura: enquanto a manufatura segue em território de contração, com PMI abaixo de 50, o setor de serviços mantém algum dinamismo, criando uma assimetria que torna a análise da atividade mais complexa. Empresas reportam condições desafiadoras, e os dados de emprego mostram deterioração gradual, ainda que a taxa de desemprego permaneça baixa em padrões internacionais.

No campo da política monetária, o BoJ entrou definitivamente no radar global. As autoridades sinalizaram que discutirão um possível aumento de juros, e o próprio Ueda admitiu que o banco ainda não sabe quantas elevações serão necessárias. O governo, por sua vez, reforçou publicamente que respeita a autonomia do BoJ, embora ambos tenham adotado discurso de alinhamento em relação ao diagnóstico econômico. Esse cuidado comunicativo serve para reduzir ruídos, mas não impede que a volatilidade aumente à medida que o ciclo de normalização se aproxima.

O iene respondeu às expectativas de juros mais altos com apreciação pontual, mas segue vulnerável às incertezas globais. A dinâmica inflacionária também impõe desafios: uma moeda mais fraca pressiona preços via importações, enquanto o crescimento modesto limita a capacidade de repasse das empresas.

Já a diplomacia regional tornou-se mais delicada. Tensões envolvendo China, Taiwan e Japão reacenderam preocupações sobre segurança e cadeias produtivas, levando autoridades japonesas a reforçar o discurso sobre capacidade de defesa e elevar projeções de gastos militares. O ambiente externo, portanto, intensifica o risco para investidores e adiciona incerteza às decisões corporativas.

O Japão termina o ano navegando entre riscos externos e ajustes internos. Que o início de 2026 traga sinais mais claros de coordenação entre política monetária, crescimento e estabilidade regional, esse seria o verdadeiro presente natalino para mercados e sociedade.

Ásia

Índia

A Índia entra em dezembro com a mistura típica de surpresa positiva e desafios visíveis: o crescimento surpreendeu, com o PIB avançando 8,2% no trimestre encerrado em setembro, ritmo mais forte em 18 meses, sinalizando uma tração doméstica robusta apoiada por consumo e investimento público; ao mesmo tempo, o choque externo das tarifas impostas pelos EUA continua a criar ruído setorial, especialmente em têxteis, joias e alimentos, que sofrem compressão de demanda externa.

No campo monetário, novembro trouxe um movimento relevante: o BC da Índia reduziu a taxa básica para 5,25%, apoiado por uma inflação historicamente baixa e pela necessidade de impulsionar o crédito e a atividade. A decisão veio acompanhada de medidas de liquidez, incluindo operações de mercado aberto, reforçando o compromisso de suavizar condições financeiras e preservar o ritmo de crescimento.

Nova Délhi exibe robustez macroeconômica, mas essa força não elimina riscos. O país depende, em certa medida, de políticas fiscais expansivas para sustentar o consumo, convive com fragilidades setoriais ligadas ao comércio externo e precisa manter atenção à saúde fiscal diante do aumento de estímulos. Além disso, cortes de juros, embora positivos no curto prazo, exigem vigilância sobre o crescimento do crédito e sobre a capacidade de o setor privado absorver essa liquidez de forma sustentável.

América Latina

Argentina

O mês hermano trouxe sinais mistos que exigem leitura cuidadosa. O país registrou em outubro um superávit comercial de US\$ 800 milhões, impulsionado pelo agronegócio e por exportações mais fortes, aliviando de forma temporária a pressão sobre o balanço externo. Ao mesmo tempo, a inflação, embora ainda muito elevada, desacelerou para 31,3% nos 12 meses encerrados em outubro, marcando uma melhora relativa após meses de tensão contínua.

Esse conjunto cria uma janela de oportunidade, mas não isenta de fragilidades. O FMI reforçou que a Argentina precisará adotar políticas mais ambiciosas de acúmulo de reservas, destacando que a reconstrução de buffers internacionais é condição essencial para restaurar credibilidade e garantir acesso mais estável ao mercado. A recomendação evidencia que superávits pontuais não bastam: é preciso consolidar uma trajetória consistente de reservas e reduzir a vulnerabilidade externa.

América Latina

Argentina (continuação)

Em paralelo, o governo argentino anunciou a volta ao mercado internacional de dívida, com a emissão de um novo título em dólares, um movimento simbólico e relevante, mas que depende justamente da melhora da confiança externa e de reservas mais robustas. Sem isso, qualquer retomada de emissões corre risco de ser percebida como prematura.

A Argentina chega ao final de 2025 com algumas boas notícias, mas ainda com trabalhos pendentes. Melhor pedir antecipadamente ao Noel muita pertinência e juízo para o próximo ano. Será o melhor dos presentes.

Chile

O mosaico nos Andes é claro: crescimento recente, contornos eleitorais que polarizam e inflação e sinais de pressão em preços ao consumidor.

O Chile apresentou crescimento do PIB em 1,6% no terceiro trimestre na comparação anual, mostrando que a economia ainda tem tração em segmentos-chave, como exportações de commodities e alguns serviços. Ao mesmo tempo, a inflação medida mensalmente avançou em novembro (0,3%), um número que não é alarmante, mas que lembra que a trajetória de preços merece vigilância caso choques externos ou efeitos de segundo turno apareçam.

Politicamente, novembro foi dominado por um ciclo eleitoral que tende a acirrar expectativas e riscos de curto prazo. Pesquisas para o segundo turno indicaram diferença expressiva entre José Antonio Kast e Jeannette Jara, com vantagem significativa para Kast em sondagens específicas, o que coloca a economia diante da possibilidade de mudança abrupta no perfil de políticas públicas e, sobretudo, em temas sensíveis como migração e segurança. A polarização entre opções ideológicas (de um lado a extrema-direita com propostas de controle mais rígido da migração, do outro um campo de esquerda com propostas sociais vigorosas) adiciona incerteza sobre a direção de políticas fiscais e regulatórias nos próximos meses.

Os chilenos entram na reta final do ano com dados econômicos razoáveis, mas com um calendário político que pode reescrever expectativas. Olho aberto para os próximos capítulos.

Cenário Macroeconômico | DOMÉSTICO

Brasil

No Brasil, as divulgações de novembro reforçam um quadro inflacionário marginalmente mais benigno. O IPCA-15 do mês confirmou inflação acumulada próxima de 4,9% em 12 meses, com composição qualitativamente mais favorável. Embora o patamar ainda esteja acima da meta de 3,0%, os núcleos e os componentes de serviços seguem mostrando desaceleração, indicando avanço gradual do processo de desinflação ao longo do trimestre.

As expectativas de inflação de médio e longo prazos registraram leve melhora ao longo de novembro, conforme captado pelo Relatório Focus. O consenso de mercado passou a incorporar maior probabilidade de convergência inflacionária em 2026, ainda que com cautela. Para 2025 e 2026, as projeções permanecem ao redor de 4,5% e 4,3%, respectivamente, refletindo percepção de desinflação gradual, porém incompleta.

Na atividade econômica, os dados de novembro seguem apontando sinais mistos. Indicadores setoriais mostram desaceleração mais evidente nos segmentos mais sensíveis ao crédito, enquanto o setor de serviços permanece relativamente resiliente. O mercado de trabalho continua sustentando a renda disponível, embora os números recentes do CAGED indiquem moderação na criação líquida de vagas, reforçando a leitura de acomodação gradual da demanda doméstica.

O mercado de trabalho segue em patamar historicamente robusto, mas os dados de novembro sugerem perda marginal de dinamismo. A taxa de desemprego medida pela PNAD Continua permanece baixa, enquanto a desaceleração na geração de empregos formais aponta para menor impulso ao consumo nos próximos meses, em linha com o ambiente monetário restritivo.

No campo da política monetária, o Banco Central manteve, ao longo de novembro, comunicação firme e conservadora. Diante de uma inflação ainda acima da meta e de uma economia resiliente, o consenso de mercado segue indicando manutenção da taxa Selic em 15,0% ao ano até o fim de 2025, com a autoridade monetária reforçando a necessidade de juros elevados por período prolongado para garantir a consolidação do processo desinflacionário.

Para 2026, as expectativas de mercado apontam para um início gradual de flexibilização monetária, condicionado à continuidade da melhora inflacionária e à evolução do quadro fiscal. As projeções indicam taxa Selic em torno de 12,5% ao final do próximo ano, refletindo um ciclo cauteloso e dependente de dados.

Em síntese, o cenário doméstico em novembro de 2025 combina inflação em trajetória de melhora marginal, atividade econômica com sinais de desaceleração gradual e mercado de trabalho ainda robusto, porém em processo de acomodação. O balanço de riscos permanece assimétrico, com destaque para as incertezas fiscais, que seguem influenciando os prêmios de risco e limitando uma normalização mais rápida da política monetária.

Juros & Câmbio

Em novembro de 2025, o mercado de juros internacional manteve-se em um estágio de consolidação após o início do ciclo de flexibilização monetária nos Estados Unidos. Apesar da expectativa de novos cortes ao longo dos próximos trimestres, os juros reais permaneceram elevados, com os TIPS de 10 anos oscilando em torno de 2,3%–2,4%, indicando que as condições financeiras seguem restritivas. Esse ambiente contribuiu para a manutenção do dólar em patamares relativamente firmes e para uma postura mais cautelosa dos investidores globais.

Na curva americana, os movimentos foram moderados. A ponta curta apresentou leve acomodação, refletindo ajustes marginais nas expectativas para a trajetória futura da política monetária, enquanto os vértices mais longos mostraram variações limitadas. O Treasury de 10 anos encerrou novembro próximo de 4,05%, aumentando a inclinação da curva, o que sinaliza a percepção de juros elevados por um período prolongado, apesar do processo de afrouxamento monetário em curso.

No Brasil, a dinâmica da curva de juros apresentou comportamento assimétrico ao longo dos vencimentos. A parte curta permaneceu praticamente estável, em linha com a manutenção da taxa Selic em 15,0% ao ano e com a comunicação firme do Banco Central ao longo do mês. Por outro lado, a parte intermediária e longa da curva registrou novo fechamento, refletindo a melhora marginal das expectativas de inflação e a percepção de menor pressão inflacionária no curto prazo. Os ajustes mais relevantes concentraram-se nos vencimentos a partir de 2028, indicando redução parcial dos prêmios de risco.

No mercado de câmbio, o real apresentou comportamento relativamente estável em novembro. A moeda oscilou dentro de uma faixa estreita, sustentada pelo elevado diferencial de juros entre o Brasil e as economias centrais. Ao mesmo tempo, a firmeza do dólar no cenário internacional e as incertezas fiscais domésticas limitaram movimentos mais consistentes de apreciação da moeda local. O dólar encerrou o mês próximo de R\$ 5,35, refletindo um ambiente de equilíbrio relativo entre os vetores externos e domésticos.

Moedas

Dólar	5,35	-0,55%
Euro	6,19	-0,80%
Libra	7,06	-0,14%
Yuan	0,75	-1,21%
Iene	3,97	-1,61%
Lira Turca	0,13	0,00%

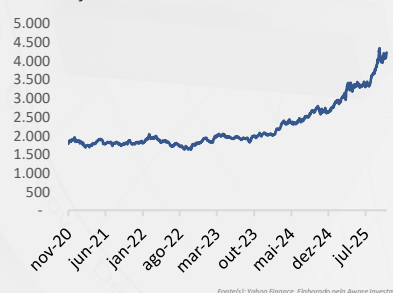
Evolução Dólar



Evolução DXY



Evolução Ouro



Bolsas

Em novembro de 2025, o desempenho das bolsas globais foi marcado por uma combinação de apetite ao risco, ajustes de expectativas de política monetária e movimentos setoriais relevantes. De forma geral, o mês apresentou um ambiente construtivo para ativos de risco, ainda que com diferenças importantes entre mercados, refletindo estágios distintos do ciclo econômico, níveis de valuation e sensibilidades às condições financeiras globais.

No Brasil, a bolsa teve um desempenho amplamente positivo. O Ibovespa avançou de forma consistente ao longo do mês, renovando máximas históricas e encerrando novembro com valorização expressiva. Esse movimento foi sustentado por uma combinação de fatores, incluindo a percepção de maior previsibilidade macroeconômica, dados domésticos relativamente sólidos e um ambiente externo mais favorável a mercados emergentes.

Nos Estados Unidos, os principais índices acionários apresentaram uma performance mais moderada e heterogênea. O mercado seguiu fortemente influenciado pelas expectativas em torno da trajetória dos juros, com investidores avaliando o timing e a magnitude de eventuais cortes pelo Federal Reserve. Setores ligados à tecnologia mostraram maior volatilidade, em parte devido a preocupações com valuations elevados e sinais de desaceleração marginal da liquidez.

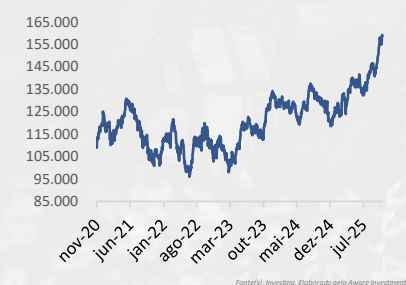
No contexto internacional, as bolsas globais tiveram um desempenho mais equilibrado, com ganhos modestos nos principais índices amplos. Mercados fora dos Estados Unidos, incluindo Europa e alguns emergentes, apresentaram resultados relativamente melhores em determinados momentos, beneficiados por avaliações mais atrativas e pela expectativa de condições financeiras gradualmente mais acomodáticas ao longo de 2026. O fluxo para fundos de ações globais permaneceu positivo, indicando que, apesar da cautela, o investidor manteve exposição relevante à renda variável.

Em síntese, novembro de 2025 foi um mês positivo para as bolsas, com destaque claro para o mercado brasileiro, que superou seus pares em termos de performance. As bolsas americanas avançaram de forma mais contida, refletindo um estágio mais maduro do ciclo e maiores incertezas relacionadas a juros e tecnologia. Já o mercado global apresentou um cenário de estabilidade com viés positivo, sustentado por fluxos favoráveis e pela expectativa de um ambiente macroeconômico menos restritivo à frente.

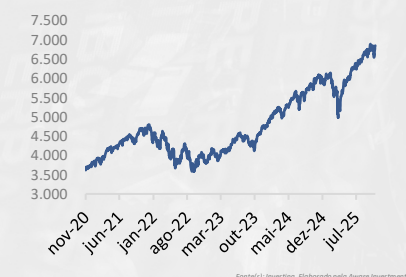
Índices

Ibovespa	159.072	6,35%
S&P 500	6.849	0,13%
Nasdaq	25.858	-1,51%
Euro Stoxx 50	5.668	0,11%
Shanghai	3.888	-1,67%

Ibovespa



S&P 500



Índice EWZ



Perspectivas

As perspectivas para a economia global ao final de novembro de 2025 seguem marcadas por um crescimento moderado e assimétrico entre regiões, em um ambiente de maior incerteza estrutural. Após um ciclo prolongado de política monetária restritiva, as principais economias começam a mostrar sinais de desaceleração mais clara da atividade, ainda que sem caracterizar um cenário recessivo generalizado. Impulsos fiscais continuam relevantes em diversos países, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, que devem acelerar ainda mais em 2026 por meio de investimentos em infraestrutura, transição energética e reindustrialização, o que deve ajudar a sustentar o nível de atividade. Ainda assim, indicadores mais granulares do mercado de trabalho vêm sugerindo uma dinâmica menos favorável do que a indicada pelos dados headline, com sinais de perda de fôlego na criação líquida de empregos, aumento da rotatividade e maior uso de jornadas reduzidas, apontando para uma desaceleração subjacente mais pronunciada.

No Brasil, o cenário econômico apresenta viés relativamente mais construtivo quando comparado a pares emergentes. A atividade mostrou resiliência ao longo de 2025, sustentada por um mercado de trabalho ainda robusto, consumo doméstico firme e efeitos defasados de estímulos fiscais anteriores. A inflação segue em trajetória de desaceleração gradual, o que abre espaço para um ciclo de flexibilização monetária mais consistente a partir do segundo trimestre de 2026, desde que as expectativas continuem melhorando e o governo não anuncie maiores impulsos fiscais. Assim, o quadro fiscal segue como principal fonte de risco, com elevada sensibilidade dos ativos à credibilidade do arcabouço fiscal e à capacidade do governo de conter a expansão estrutural das despesas.

Nos mercados globais, especialmente nos Estados Unidos, as perspectivas apontam para um aumento relevante da dispersão de performance entre setores, refletindo um ambiente macro ainda robusto, porém mais seletivo. O mercado tende a favorecer empresas de tecnologia mais maduras, com elevada rentabilidade, forte geração de caixa e menor intensidade de investimentos em capital, ao mesmo tempo em que o processo de reindustrialização tem impulsionado o desempenho do setor industrial, sustentado pelo aumento do investimento público, pela recomposição de cadeias produtivas e por uma maior utilização da capacidade de manufatura. Já o setor de consumo, que apresentou desempenho relativo mais fraco, tende a se beneficiar de forma mais direta da continuidade e da ampliação de políticas fiscais expansionistas, especialmente por meio de estímulos à renda e ao emprego.

O mercado brasileiro combina oportunidades atrativas com elevada volatilidade. Valuations seguem descontados em termos históricos, especialmente em ações, refletindo prêmios de risco elevados associados às incertezas fiscais e políticas. Ao mesmo tempo, o elevado patamar da taxa de juros sustenta retornos atrativos em renda fixa, sobretudo em ativos pós-fixados e em crédito de boa qualidade. A expectativa de queda gradual dos juros, caso o cenário inflacionário permita, pode destravar valor adicional para ativos locais, em especial ações e títulos de duration intermediária. A aproximação da eleição tem aumentando a volatilidade dos mercados, mas também pode ¹¹abrir oportunidades relevantes de alocação, à medida que uma melhora nas perspectivas eleitorais e na leitura do cenário político seja incorporada aos preços dos ativos.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com